



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

HILDELLY FABRICIO FONSECA

**O ENSINO DE LIBRAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE
GUARABIRA-PB**

**GUARABIRA – PB
2017
HILDELLY FABRICIO FONSECA**

O ENSINO DE LIBRAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia. Área de concentração: Formação de professores.

Orientadora: Esp. Prof.^a Aline de Fátima da Silva Araújo

**GUARABIRA – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F676e Fonseca, Hildelly Fabricio.

O ensino de libras em escolas públicas do município de Guarabira-PB [manuscrito] : / Hildelly Fabricio Fonseca. - 2017. 27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo, Departamento de Educação - CH."

1. Libras. 2. Surdos. 3. Ensino.

21. ed. CDD 419

O ENSINO DE LIBRAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA-PB

Artigo apresentado a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.
Área de concentração: Formação de professores.

Aprovada em: 29/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Aline de Fátima da Silva Araújo

Prof. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Débora Regina Fernandes Benício

Prof. Me. Débora Regina Fernandes Benício
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Verônica Pessoa da Silva

Prof. Dr. Verônica Pessoa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA - PB
2017

A minha família, meu esposo e minha orientadora pela
dedicação, companheirismo e incentivo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido sabedoria, inspiração e discernimento para a execução deste trabalho de conclusão de curso.

A minha professora e orientadora querida Aline de Fátima da Silva Araújo, a qual tenho um carinho enorme, e quero levar comigo por toda minha vida pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência, dedicação, apoio e esforços para comigo, pois sem estes incentivos jamais teria condição de concluir o meu trabalho.

A minha família em especial aos meus pais, pela compreensão por minhas ausências nos almoços de domingos, pelo apoio que me proporcionaram sem contar no incentivo que me passaram ao longo de toda minha graduação.

Agradeço individualmente ao meu pai, por ter se esforçado bastante para conseguir ter sua filha em uma Universidade, depositando em mim uma fé de que iria alcançar este objetivo maior da vida dele, e eis que estou aqui concluindo esta etapa da minha vida que fora tão almejada por ele.

A meu esposo por ter me ajudado na construção deste trabalho, como também pela paciência, descontando os dias de estresse e me passando calma, força, sentimentos positivos e estando comigo até o final deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer em especial ao meu “grupo de 7” Marcele Ferreira, Nicolay de Azevedo, Monara Tamires, Jucicléia Santos, Maria José de Andrade e Cléber Rodrigues, por durante esses quase 5 anos terem me dado força para continuar nas vezes que pensei em desistir que não foram poucas, ajudando também nos trabalhos acadêmicos que surgiram. Agradeço também pelos momentos de divertimento que jamais serão esquecidos bem como os infelizes pois os mesmo acredito que serviram para nos tornarmos mais fortes e persistentes e juntos chegarmos até o final de nossa graduação.

Enfim agradeço a todos que contribuíram para minha formação acadêmica de forma direta e indireta, com apoios e incentivos.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa.

Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos.

Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser”.

Terje Basilier

O ENSINO DE LIBRAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE GUARABIRA-PB

FONSECA, Hildelly Fabricio¹

RESUMO

Este artigo apresenta como o ensino de Libras vem sendo desenvolvido nas escolas do Município de Guarabira-PB, bem como versará sobre os aspectos de formação dos professores de Libras. Trazendo dificuldades e avanços no que se diz respeito à Língua Brasileira de Sinais, com o objetivo maior de apresentar como ocorre o Ensino de Libras nas escolas públicas do Município de Guarabira-PB e principalmente a importância que o mesmo tem para os alunos ouvintes e surdos mostrando também sugestões de aperfeiçoamento para o ensino de Libras. Partimos de conceitos dos diferentes autores: QUADROS (2003) FELIPE (2002), PINHEIRO (2010). Sendo assim utilizamos como método científico uma pesquisa qualitativa que fora elaborada através de um levantamento de dados em forma de questionário aplicado a uma professora de libras que atua em escolas públicas do Município de Guarabira - PB, pela qual foram obtidas informações acerca da percepção de melhorias significativas para aprimoramento e qualidade máxima no desempenho do professor para com o ensino de Libras, tendo em vista a busca pela obrigatoriedade do Ensino da Língua Brasileira de Sinais nas escolas.

Palavras-Chave: Libras. Surdos. Ensino.

ABSTRACT

This article presents how the teaching of Libras has been developed in the schools of the Municipality of Guarabira-PB, and will deal with the aspects of teacher education in Libras. Bringing difficulties and advances in what concerns the Brazilian language of signs, also presenting suggestions for improvement for the teaching of Libras for deaf and hearing. We start from the concepts of the different authors: QUADROS (2003) FELIPE (2002), PINHEIRO (2010). Thus, we used as a methodology a questionnaire executed in the Municipality of Guarabira - PB to an effective teacher of the area, and through this method was achieved concise results, in the perception of significant improvements for improvement and maximum quality in the teacher's performance towards the teaching of Pounds , in view of the search for the compulsory teaching of the Brazilian Sign Language in schools.

Keywords: Pounds. Deaf people. Teaching.

¹ Graduanda em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 METODOLOGIA.....	09
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	09
3.1 O QUE É LIBRAS.....	09
3.1.1 Resgate histórico da língua brasileira de sinais.....	11
3.2 LEGISLAÇÃO VIGENTE.....	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
4 CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS	21
ANEXO.....	23

1 INTRODUÇÃO

A educação dos surdos no Brasil é tida como algo novo, porém, sendo uma prática que já vem buscando seu posto há muito tempo, muitas barreiras entre comunicação foram enfrentadas e até os dias atuais. Lutamos constantemente para alcançarmos avanços positivos nessa área, pois é uma prática que requer grandes melhorias, e assim, render mais conhecimento ao aluno surdo, onde o mesmo requer aprendizado através da língua de sinais, método este utilizado pelos professores para com a educação do surdo.

Durante todo esse tempo de história e retrocessos essa perspectiva também teve avanços e dentre eles foi a regulamentação da Lei nº 10.436 de 2002, que impõe o reconhecimento da Língua de Sinais no Brasil, ou seja, o uso da LIBRAS, afirmando a mesma como a forma legalística de conversação e manifestação linguística entre os indivíduos, sejam eles surdos ou ouvintes.

Para as autoras Basso, Strobel e Massuti: “a língua de sinais é o primeiro passo a ser dado pela pessoa surda, é onde ela vai revelar-se e construir sua própria identidade, pondo-se em prática no seu convívio social” (2009, p. 4). Portanto, visto que a maioria das escolas não reconhece a LIBRAS como um componente curricular, uma vez que a mesma considera essa prática, a vinculando apenas como um utensílio de comunicação da pessoa surda, ou seja, sua forma de interagir com o público ouvinte, ainda encontra-se em extremo debate e controvérsias quanto a sua importância.

Diante da perspectiva, de que é de fundamental importância ter a prática do ensino de LIBRAS nas escolas, para surdos e ouvintes, também devem ser contratados professores capacitados para oferecer um ensino de qualidade para esses alunos, pois como diz Quadros (2003, p. 30):

Pessoas surdas e ouvintes necessitam de ter o conhecimento e aprendizado de sua própria língua, de maneira tal que se elas não adquirem esse conhecimento fica difícil prosseguir de forma significativa tanto em relação a Libras quanto ao Português seja nos aspectos de escrita e produções de textos.

Então, percebemos diante disso que se o aluno não tem o conhecimento de sua própria língua, ficando complicado se desenvolver também no aspecto sociológico, portanto, cabe à escola ter a iniciativa, de juntamente com os professores, de habilitar em sala de aula o ensino de LIBRAS, e pondo realmente em prática como um componente curricular.

Busca-se com isso mostrar a importância e a realidade do Ensino de LIBRAS como meio eficaz e insubstituível para o desenvolvimento e a aprendizagem do alunado surdo como

também do aluno ouvinte. O conhecimento e aprendizado de LIBRAS é de suma importância, pois não é só porque ele é ouvinte que o mesmo não necessita de aprender a Língua Brasileira de Sinais. Com isso como pergunta norteadora da minha pesquisa trago a seguinte: *Como acontece o ensino de Libras no município de Guarabira-PB?*

O tema escolhido nasceu da preocupação, pessoal, quando a realidade do Ensino de Libras, primeiro porque pelo apreço sentido na área, pois a mesma proporcionou, enquanto educadora, a oportunidade de conhecer outro mundo no caso o da pessoa surda, segundo pelo fato de que nos dias de hoje esse tema, essa perspectiva ainda é carente de análise e pesquisa acadêmica, tendo em vista assim a sua necessidade de implantação no âmbito escolar.

Assim, pretende-se despertar o interesse dos educadores pela área, através do referido artigo, pois a falta de profissionais da Língua de Sinais deixa a desejar e hoje em dia vê-se que nas escolas existem vários alunos que necessitam desse aprendizado, principalmente o surdo, mas que diante desta falta de prática, ele perde espaço, assim, se o ensino se volta para tal assunto o surdo poderá ter a oportunidade de interagir e se desenvolver socialmente com o próximo.

Com isso o que levou-se a apresentar e pesquisar esta temática foi principalmente a falta de profissionais no Ensino de Libras, tendo em vista a real importância de tê-los nas escolas, uma vez que, a Libras é uma língua, assim como a Língua Portuguesa, por possuir seus aspectos fonológicos, semânticos, morfológicos e sintáticos, e deve ser incluída como um componente curricular nos cursos de licenciatura e nas escolas de educação básica dando a seriedade que a mesma pede.

Como objetivo geral pretendemos apresentar como ocorre o Ensino de Libras nas escolas, no Município de Guarabira-PB e principalmente a importância que o mesmo tem para os alunos ouvintes e surdos, a fim de vermos o desenvolvimento nesse campo de ensino e prática. E como objetivo específico: Analisar o trabalho do professor de LIBRAS na escola, avaliar os recursos usados pelo professor de LIBRAS em sala de aula, apontar a importância do ensino e inserção de LIBRAS nas escolas.

Diante disto, a metodologia abordada nesta pesquisa foi um estudo de caso, com aplicação de questionários, procurou-se expor as reais dificuldades, problemáticas e avanços do ensino da Língua Brasileira de Sinais.

Dando início a esta temática, procurou-se abordar o que é a LIBRAS, relatando sobre seu conceito e suas características, em segundo momento traremos um resgate histórico da Língua Brasileira de Sinais, apresentando onde tudo começou, e em seguida mostrarei a Legislação que cabe a Libras, expondo o Decreto e a Lei, para concluir apresentarei os

resultados e as discussões que busquei durante o estudo de caso com uma professora de libras que atua em três escolas na cidade de Guarabira –PB.

2. METODOLOGIA

Como metodologia abordamos um estudo de caso com aplicação de questionário, mas é importante compreendermos o que é a mesma. A metodologia é um tópico que segundo Rudio (1980, p. 9):

É um método de fundamental importância para autenticar as pesquisas e resultados que foram adquiridos durante o processo de coleta de dados para prosseguir com um trabalho científico, sendo o elemento principal, com o objetivo de responder problemáticas e alcançar as metas do estudo de forma válida e eficaz.

Enquanto método científico realizou-se um estudo de caso, tendo como público alvo um Professor de LIBRAS, que através de um levantamento de dados em forma de questionário, pode-se observar como está sendo realizado o ensino de LIBRAS nas escolas, bem como, os problemas existentes na perspectiva de levar soluções para melhoria da escola e do ensino para os alunos surdos e ouvintes.

Utilizou-se de uma metodologia exploratória e qualitativa diante do questionário e da aplicação coletada em campo, pois segundo Gil (2008) esse tipo de pesquisa “proporciona maior intimidade com o assunto exposto, levando clareza e entendimento ao próximo”, sendo assim pretendo aplicar essa metodologia durante o desenvolvimento deste artigo levando maior nitidez e familiaridade com o tema abordado.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O QUE É LIBRAS??

Libras é uma língua utilizada por uma minoria linguística brasileira, denominada assim Língua Brasileira de Sinais, que é usada pela comunidade surda. Assim como a Língua Portuguesa, a Libras também possui mecanismo e sistema gramatical, que diante disso percebemos que essa língua utilizada não deve ser vista como um fato mímico, pois, a mesma tem sua própria estrutura gramatical.

Sobre o que é a Libras, Pinheiro (2010) diz que:

A Língua de Sinais Brasileira (Libras) é a Língua materna dos surdos brasileiros. É uma língua viva, autônoma, capaz de transmitir todo e qualquer conceito, dos mais complexos até os mais abstratos. Os usuários da Libras podem discutir sobre todo e qualquer assunto, desde economia, política, física, literatura, histórias de humor, etc (PINHEIRO, 2010, p. 59).

No entanto, observamos que a Libras é algo natural da pessoa surda, e se dá a partir do encontro surdo-surdo considerando-se, assim, como natural e espontânea, pois é uma língua que vem a tona de forma automática, pela precisão de participar da sociedade sendo o meio que a mesma tem de se comunicar. O uso dessa língua auxilia a interação com o próximo, e faz com que as pessoas passem a enxergar o surdo como um ser diferente, sendo apto a ser um indivíduo social. E como diz na citação anterior o surdo tem uma língua viva onde tem o poder de não só conversar, mas também de expor seus sentimentos, que são apresentados e enfatizados por meio da língua de sinais.

A Língua Brasileira de Sinais, não é considerada uma linguagem e sim uma língua, por conter aspectos como: morfológico, fonológico, semântico entre outros, fundamentando e de acordo com a autora a mesma aborda que:

Diferencia-se da linguagem, por possuir todos os requisitos que a conferem como língua, tais como: aspectos fonológicos, morfológicos, sintaxe, semântica e pragmática. As línguas faladas como o inglês, o espanhol e o francês, são consideradas línguas orais-auditivas. As línguas sinalizadas como a Libras são de modalidade gestual-visual, também conhecida como visco-espacial, onde o canal emissor da comunicação são as mãos, através dos sinais e o canal receptor é a visão (PINHEIRO, 2010, p. 59).

Portanto, a Libras é uma língua sinalizada de modo gestual-visual, onde seu principal caminho condutor de conversação são as mãos que é onde o surdo irá fazer uso e dialogar com sinais. Nessa perspectiva, observa-se a importância do sinal, meio este que é utilizado pelo surdo para apresentar palavras, coisas e sentimentos em uma conversação com o próximo.

O sinal é o fio condutor capaz de transmitir, propagar e difundir a “palavra” em suas diferentes realizações através das mãos, ele tem vida própria e, no geral, leva consigo uma semelhança que remete a forma ou coisa representada, tem a propriedade de reproduzir por semelhança o mundo real, como também, comunicar signos abstratos, independentemente de seu grau de subjetividade (TIMÓTEO, 2008, p. 64).

De acordo com Timóteo (2008), o sinal na Libras é o ponto chave, o principal condutor do ponto de partida para o surdo dialogar e interagir em meio a sociedade, e sendo ele a substituição da palavra onde usamos na língua portuguesa, sendo assim um ato que

apresenta definição tanto para o surdo como também para o ouvinte que está em meio a um diálogo com o mesmo.

Com o passar dos dias, o vocabulário da língua de Sinais vem crescendo bastante, expandido novos sinais e inserido na comunidade surda Brasileira, possuindo um conjunto de vocábulos, denominado de léxico que como diz Pinheiro (2010) no seu livro *Língua de Sinais Brasileira Libras I*:

O léxico pode ser definido como o conjunto de palavras de uma língua. Ele se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. Constitui ainda uma forma de registrar o conhecimento do universo. Quando o homem nomeia os seres e objetos, ele está classificando simultaneamente. O ato de nomear gerou o léxico das línguas naturais (PINEHIRO, 2010, p. 60).

Entretanto, a Língua Brasileira de Sinais, assim como outras línguas, apresenta em seu léxico manifestações diferentes de outras regiões, ou seja, cada região tem uma expressão diferenciada na aplicação da libras, fato este denominado de regionalismo ou também dialetos existentes também na linguagem falada em palavras.

3.1.1 Resgate histórico da Língua Brasileira de Sinais

A Língua Brasileira de Sinais tem origem da Língua de Sinais Francesa tendo partida pelo alfabeto manual francês, chegou no Brasil no ano de 1857 com a chegada de Ernest Huet (um padre surdo) que veio para o Brasil atendendo ao chamado de Dom Pedro II. Chegando ao Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro, Ernest Huet avistou muitos desabrigados, mendigos, sendo eles surdos, perambulando pelas ruas sem conseguir comunicar-se com ninguém, com isso Ernest teve a iniciativa de apresentar Libras e iniciou seu trabalho de educação para os surdos no Brasil, tendo em vista que o mesmo já possuía aprofundamento na área.

A Língua de Sinais Brasileira teve sua origem através do alfabeto manual francês. A convite de D. Pedro II, um padre surdo da França, chamado Ernest Huet, veio ao Brasil, por volta de 1857. Na cidade do Rio de Janeiro, ele encontrou surdos cariocas perambulando pelas ruas, sem saberem se comunicar. Foi através do “método combinado”, utilização da língua de sinais como meio para o ensino da fala, que Ernest Huet começou a trabalhar com os surdos no Brasil. (PINHEIRO 2010, p. 61).

Partindo disto em 1857, Ernest Huet em conversa com D. Pedro II criou a primeira escola para surdos no Brasil, onde inicialmente era frequentada apenas por surdos do sexo masculino e trabalhava como internato, surdos de várias outras localidades, mudaram para o

Rio de Janeiro em busca deste aprendizado e só voltavam para suas cidades de tempos em tempos, comprovando isto tenho:

Em 1857, foi fundada a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Foi a partir desse instituto que surgiu da mistura da Língua de Sinais Francesa, trazida por Huet, com a língua de sinais brasileira antiga, já usada pelos surdos das várias regiões do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (FELIPE, 2006, p. 121).

Depois de 70 anos aproximadamente em meados de 1931 foi aberto ao público surdo feminino um espaço denominado de externato, onde elas podiam usufruir de oficinas de costura e também de bordados.

Com as idas e vindas desses alunos a escola, que hoje funciona como o Instituto Nacional de Educação de Surdos no Brasil (INES). Obtinham conhecimentos e sinais da Língua com isso iam se expandindo pelas demais localidades, pois os mesmos passavam para parentes e amigos por meio da conversação, conseqüentemente aumentando o conhecimento, estando de acordo com Pinheiro (2010):

Dessa forma, os sinais que os surdos aprendiam nos períodos em que ficavam no INES, eram facilmente difundidos para várias localidades do Brasil quando estes voltavam para seus estados. Aos poucos, essa língua foi sendo construída com novos sinais criados e incorporados ao léxico pela comunidade surda brasileira. Apesar de ter uma origem francesa, a Língua de Sinais Brasileira, já possui hoje sua própria estrutura (PINHEIRO, 2010, p. 62-63).

Hoje, a Língua Brasileira de Sinais como já citada anteriormente não é uma Linguagem e sim uma Língua, partindo de pesquisas de alguns linguistas, os estudos comprovaram a veracidade de Libras ser uma língua natural.

No Brasil até pouco tempo foi considerada como Linguagem, mas graças aos trabalhos de linguísticas e pesquisadores comprovando a autenticidade da Libras, ela foi reconhecida oficialmente pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, como meio de comunicação legal da comunidade surda Brasileira (PINHEIRO, 2010, p. 63).

Desse modo, a Libras é oficialmente decretada por lei como Língua legítima e genuína, e o meio principal de diálogo da pessoa surda brasileira, tornando-se então uma ponte de comunicação legal dos surdos brasileiros em toda a comunidade.

3.2 LEGISLAÇÃO VIGENTE

A Língua Brasileira de Sinais, é uma língua que já vem sendo usada durante muito tempo pela comunidade surda, porém, a mesma só foi adotada oficialmente pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, Lei esta que foi firmada por Fernando Henrique Cardoso, onde no “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” , portanto, a Libras é um meio legalístico de conversação e manifestação, método esse utilizado pelo povo surdo. Vejamos o que diz a referida Lei em seu artigo 1º:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A Lei também aborda que em instituições públicas deve ter meios institucionais de adesão e desmistificação da libras, tendo em vista que por Lei é uma comunicação legal e também prática utilitária da comunidade surda, e diz ainda mais precisamente no Art. 3 que:

As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor (BRASIL, 2002).

Constatamos que é de direito da pessoa surda ter atendimento especial adequado em qualquer instituição de saúde pública, garantindo desta forma um tratamento legalizado perante a cláusula judicial exibida no Art.3 da Lei nº 10.436. Com isso, conclui que é a importante que todos saibam libras e estudarem essa língua tão rica e importante.

É exposto ainda, que deve-se haver a inserção no sistema educacional seja ele federal, estadual ou municipal, nos cursos de formação de educação especial, de fonoaudiologia e também no magistério, o componente da Libras – Língua de Sinais Brasileira, sendo elemento complementar dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002).

Existe ainda o decreto 5.626 que foi estabelecido pelo então Presidente Luís Inácio Lula da Silva em 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, afirmando que a Libras deve ser inserida como componente curricular obrigatório nas Licenciaturas:

Art. 3º - A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2002).

Então com o Decreto Lei nº 5.626 regulamentando a Lei nº 10.436 a inserção da Libras na formação de professor, fica ainda mais forte a necessidade das instituições de ensino incluírem no currículo escolar a disciplina da Língua Brasileira de Sinais, tendo em vista que essa é a língua dos surdos e a mesma deve ser imposta no meio educacional.

Ainda no Decreto Lei nº 5.626 sobre a formação do professor de Libras, que irá atuar na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental, o mesmo deve se formar através do curso de Pedagogia ou no curso de Letras português onde visa à formação bilíngue. Vejamos:

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue (BRASIL, 2006).

Diante disso observamos que depois que a lei e o decreto entraram em vigor vimos avanços para uso e o ensino da Língua de Sinais Brasileira, estes são importantes para a educação dos surdos. Os ouvintes devem ter acesso e por em prática no seu cotidiano o uso da língua de sinais. E principalmente inserir como um componente curricular nas escolas, pois se formos parar para pensar existem muitas pessoas surdas que necessitam desse aprendizado para conviver melhor em meio a sociedade ouvinte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente análise foi cultivada através do questionário, que fora aplicado a uma professora de Libras para então sabermos como está sendo organizado e elaborado o ensino de libras em escolas públicas do município de Guarabira – PB, tendo em vista que a professora interrogada tem uma vida acadêmica bastante ativa nessa área e a mesma atua em três escolas do município referido acima.

Diante do questionário exposto a primeira pergunta a ser tratada foi a seguinte: “Qual sua formação profissional?”, seguindo-se da seguinte resposta: “Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia, graduada em Letras/Libras, formação de Libras (FUNAD),

formação de intérprete (FUNAD)”. A mesma possui requisitos importantes para lecionar com perfeição, conforme o Decreto 5.626/2005 a mesma contempla a formação necessária através dos conhecimentos obtidos durante sua passagem como discente, levando consigo uma bagagem repleta de conhecimentos para seus alunos.

A segunda pergunta tratada foi: “Quanto tempo leciona na área de Língua de Sinais?” resposta: “Aproximadamente 10 anos”. Percebemos então que com 10 anos atuando na área de Língua de Sinais a professora possui uma experiência bastante ampla, evidentemente passando por vários obstáculos e também descobertas durante todo esse tempo.

Já na terceira pergunta a professora foi indagada se: “O Ensino de Libras é apenas para o aluno ouvinte?”, respondendo que “Não. As aulas são ministradas nas salas regulares e se tiver algum aluno surdo na sala o ensino será também para ele”. Assim, na resposta da professora percebe-se então claramente que o ensino de Libras não é só para o aluno surdo, que é de suma importância o ouvinte aprender a Língua Brasileira de Sinais até mesmo para interagir com a comunidade surda existente na mesma escola, podendo até dizer que o contato com o surdo é um meio muito eficaz de aprendermos a falar em libras.

Tenho ouvido de muitas alunas fluentes em LIBRAS que “só é possível aprender a LIBRAS no contato com os outros surdos”. Esta visão também é compartilhada por alguns surdos. Historicamente, a maioria dos ouvintes que atuam como educadores ou intérpretes aprendeu a LIBRAS em circunstâncias emergenciais, em contato direto e informal com os surdos, geralmente em espaços religiosos e escolares. A urgência em se comunicar (para fins profissionais, educacionais ou pessoais) e a carência de contextos formais para o ensino de LIBRAS fazem com que o encontro com o surdo sinalizador funcionasse como a única “escola” para se aprender sinais. A validade desses encontros é inquestionável (GESSER, 2012, p.75).

Diante disso, percebemos que é com a prática de conversação com a pessoa surda que nós como ouvintes iremos ter uma facilidade maior em aprender a libras, enxergando o surdo como sendo um importante intermediador de transferir este aprendizado. Dando continuidade ao questionário, a quarta questão, na qual a professora foi indagada se: “Na sua concepção, qual a importância do ensino de língua de sinais nas escolas?”, explicitando que: “Por ser a segunda língua oficial do país é uma oportunidade de diminuir barreiras de comunicação entre surdos e ouvintes”. Neste sentido, a Língua de Sinais Brasileira foi adotada e reconhecida como uma segunda Língua oficial do Brasil pela Lei 10.436 e regulamentada pelo Decreto 5.626 onde diz no Art.1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.”, de acordo com a entrevistada o ensino de Libras tem a propriedade de amainar, de suavizar obstáculos do convívio entre a população surda com a ouvinte, e com isso é de enorme

seriedade ter nas escolas este componente curricular para então contribuir com a difusão da Língua Brasileira de Sinais.

A quinta pergunta foi destinada a identificar: “Como é a relação do aluno ouvinte com o ensino de Libras? Eles valorizam, aceitam?”, apontando em sua resposta que: “O aluno ouvinte aceita o ensino e valoriza sim, é tanto que a aula é facilmente dada sem valer nota, sem estar inserida no currículo e mesmo assim, a participação é de quase todos”. Esta resposta explicita que a procura pela libras por pessoas ouvintes está crescendo bastante, até mesmo pela curiosidade em saber como funciona o mundo do surdo, e também acontece por necessidades principalmente de educadores em aprimorar seu currículo tendo em vista também que com o decreto 5.626 onde diz que é obrigatório o componente curricular da Libras nas Universidades particularmente nas Licenciaturas, então o ouvinte já vê que é outro campo de atuação que vem crescendo e se espalhando conforme afirma Gesser (2012):

Nos últimos anos, todavia, já é possível ver uma oferta um pouco maior nas universidades públicas e privadas, em cursos livres de extensão. A procura aumenta, e alunos de diversas áreas interessados na aprendizagem de uma língua adicional matriculam-se (GESSER, 2012, p.45).

Assim, seguindo-se para a sexta pergunta da entrevista foi destinada a reconhecer “Como acontece o ensino de Libras? Qual a carga horária?”, respondendo que: “As aulas são realizadas uma vez por semana e insere um total de 3 escolas, sendo cada uma um dia”. Com sua fala a educadora entrevistada trabalha em 3 escolas sendo uma na terça-feira outra na quarta-feira e outra quinta-feira, onde em cada uma dessas escolas ela tem 6 turmas, tendo uma carga horário de 6 horas, ou seja, é menos de 1 hora de aula para cada turma, tempo este muito curto para um aprendizado melhor e com um maior rendimento dos alunos.

Diante disto, percebeu-se o quanto o ensino de Libras carece de uma carga horária maior, mais aprofundada, mais elaborada e para que os alunos tenham um bom proveito e uma qualidade melhor do ensino. O Decreto Lei nº 5.626 e no referido Art. 5º, que diz em quais os cursos que o professor deve se formar para dar aula de libras, mas não fala em nenhum momento, qual a carga horária, nem que deveria ser inserida e utilizada pelas escolas, com isso o ensino de libras fica difícil, pois as escolas estão colocando uma carga horária que não é suficiente para garantir a aprendizagem de libras. Consideramos que esta é uma barreira a ser enfrentada, pois o Ensino da Língua Brasileira de Sinais ainda não tem a seriedade que se pede. Vejamos o que nos diz o Decreto 5.626/2005

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou

curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído linguas de instrução, viabilizando a formação bilingue (BRASIL, 2006).

Diante deste obstáculo a ser enfrentado, seria ótimo se pelo menos os professores e gestores de instituições educacionais, reivindicassem em favor de um ensino de Libras mais coerente, sério, pedindo que o mesmo recebesse uma atenção mais cautelosa, mais elaborada e exigindo uma carga horária considerável para obtenção do aprendizado, pois quando paramos para pensar sobre a educação dos surdos, e o ensino de Libras percebemos de início o quanto é importante e o quanto eles necessitam desse componente curricular.

Seguindo com o questionário a sétima pergunta procura compreender se: “O ensino de libras contempla a todos os alunos da escola?”, Assim, a resposta foi direta e conclusiva: “Não. Algumas turmas ficam sem ter o ensino, porque ainda é preciso dar atendimento (AEE) para surdos, e esse atendimento impede que sejam incluídas mais turmas”. Nesta resposta pode-se identificar que o AEE, que quer dizer, Atendimento Educacional Especializado, contém um benefício para aqueles que carecem de um suporte diferenciado, ou seja:

Um serviço da Educação Especial que: Identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. O AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) serve para a contribuição do desenvolvimento do aluno que pertence ao mesmo, bem como proporciona uma inclusão do ensino tradicional e em meio à sociedade, onde o mesmo pode ter uma aquisição maior e melhor de conhecimentos visando o seu crescimento educacional.

Na oitava questão pede-se que: “Quais os principais problemas de aprendizagem do aluno surdo? São semelhantes aos dos ouvintes?”, Em destaque a esta pergunta a professora explicou que: “Os principais problemas são os meios que se segue para que o surdo aprenda. As metodologias são ouvintistas (exclusiva para ouvintes). Não há uma preocupação da escola em promover capacitações para esse fim”. O surdo é tratado como se ouvisse e cobrado da mesma forma. Os recursos são quase inexistentes, quando muito se tem é um intérprete que pouco pode fazer em favor desse aprendizado. De um modo geral a professora alega não está preparado e o aluno segue de forma injusta, fazendo malabarismos para acompanhar esse aprendizado.

Percebe-se nesta fala que problemas são enfrentados diariamente nas escolas, pelo fato de a libras ainda não está 100% inclusa no âmbito escolar, algumas instituições de ensino dão mais ênfase do que outras ao ensino da língua de sinais, tendo em vista que alunos surdos

e ouvintes podem sim ocupar a mesma sala de aula, porém o educador deve ser e estar capacitado para ensinar e educar tanto o ouvinte quanto o surdo. Quanto ao conteúdo curricular Deus (2013) afirma;

O conteúdo curricular a ser desenvolvido pelo professor deve ser o mesmo para todos os alunos, para os ouvintes e para os alunos com surdez. O que difere são as adaptações curriculares necessárias para atingir também o aluno deficiente (DEUS, 2013, p. 11).

Então o ensino deve ser favorável para ambas às partes, tendo em vista que existem vários meios para auxiliar o professor com o aprendizado, como por exemplo: filmes, revistas sendo eles de forma visual que facilitam para o aluno surdo e também para todos os outros, o acesso aos conteúdos de libras, pois esses fatores contribuem para aqueles educandos que são mais desatentos com o ensino tradicional, então uma melhor qualidade de ensino parte do interesse do professor em buscar atividades lúdicas para com isso oferecer uma condição de ensino adequada para seus alunos.

Para ainda enfatizar isso a escola também deve entrar com métodos inclusivos levando também ao educador mais fontes, materiais, espaços melhores e com isso juntos difundir a educação inclusiva para com os alunos surdos.

Já na nona questão do questionário foi direcionada: “Qual relação que você identifica entre a libras e a política de inclusão?”, resultando na seguinte resposta: “Uma relação ainda muito larga”. Assim, o que mais nos chama atenção é que surge uma novas indagações com está resposta, revelando que: “Como considerar um aluno surdo incluído, se ele só se comunica com o intérprete?”. “Como considerar uma inclusão verdadeira se o aluno surdo ainda é cobrado nas avaliações por palavras oxítonas, paroxítonas?”. Mesmo com o ensino de Libras na escola, o professor que dá aulas todos os dias, não sabe sinalizar bom dia, mesmo a escola sendo inclusiva. Percebemos que algumas coisas dão sinais de melhorias, por exemplo: Algumas escolas já aplicaram provas diferenciadas; O AEE (Atendimento Educacional Especializado) como recurso para a aprendizagem do surdo. Estamos no caminho, mais ainda bem distante de chegar.

Os registros acima mostram a importância das escolas bilíngues onde professores não oferecem aula só com o idioma do Português e sim também com a libras dessa forma abrange todos os alunos da sala e com isso enfatiza a diversidade bilíngue:

Uma escola bilíngue se organiza, em todos os níveis, para proporcionar aos seus alunos as competências necessárias para usar duas ou mais línguas em situações acadêmicas e sociais. Por isso, uma escola bilíngue ensina por meio das línguas e

não apenas as línguas, sendo essa a principal diferença em relação a escolas de idiomas. Isso significa que os alunos não têm apenas aulas DE inglês, francês, espanhol, libras ou línguas indígenas, mas tem, principalmente, aulas de diversas matérias EM inglês, francês, espanhol, coreano, libras, línguas indígenas ou qualquer outra (MOURA, 2014, p. 01).

Ainda diante da educação bilíngue trago o PNE (Plano Nacional de Educação), onde é abordado sobre o ensino e as escolas bilíngues, dando ênfase a uma educação inclusiva e como estratégia levar para os surdos uma educação bilíngue:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (BRASIL, 2005).

A décima e última pergunta foi a seguinte: “Em sua opinião quais os meios que possa contribuir para que o ensino de libras se torne mais frequente nas escolas?”. A professora respondeu: “É necessário que o professor tenha suporte necessário para facilitar esse aprendizado”. Neste sentido pode-se destacar como necessário a: Disponibilidade de instrumentos tecnológicos (data show, dvd); Material impresso; Uso de conhecimento disponibilizado, onde a escola possa promover momentos em que a Libras seja colocada em prática tendo surdos na escola ou não, ou seja, serão necessários inserir o ensino no currículo de forma obrigatória e legal.

Diante do que foi exposto pela entrevistada, existe muitos requisitos para que se possa usufruir do ensino da libras nas escolas, muitas tecnologias existentes nos dão oportunidade para isso, cabe aos professores e gestores irem sempre mais além em busca de inovações para que a libras possa ser usada nas salas de aula, integrando assim os alunos na educação de língua de sinais brasileira.

Um ponto que vale ressaltar é que pelo Decreto Lei nº 5.626/2005, o ensino de libras obrigatório nos cursos de licenciatura e infelizmente não é de comprometimento das escolas tê-lo como componente curricular, e isso ainda é uma barreira a ser enfrentada:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Então se um aluno dos cursos superior tem oportunidade de cursar a libras porque que o aluno de ensino básico, não tem? Será que o mesmo não precisa desse aprendizado? Pois bem, isto é um ponto que precisa de uma atenção devida, para que o ensino da Língua de Sinais Brasileira passe a ser obrigatório nas escolas também.

Percebe-se que as escolas que têm o ensino de Libras, não têm nenhuma exigência “tradicional” como, por exemplo, prova, nota, tendo em vista que na maioria dos casos é um professor apenas para dar aulas em todas as disciplinas e como isso o deixa sobrecarregado de atividades, valorizando apenas as outras matérias, português, matemática e daí por diante.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve o propósito de explicar a importância do Ensino de Libras no Município de Guarabira- PB, como também apresentar informações a partir de documentos a cerca da formação do professor para com o ensino de Libras nas escolas públicas. Ao longo dessa pesquisa, surgiram várias constatações como, por exemplo, as dificuldades que são enfrentadas pela comunidade surda, e pelos professores de libras, há muita coisa ainda que precisa, ser melhorada em função do ensino da Língua Brasileira de Sinais.

Constatamos a necessidade de mais disponibilidade e oferta de materiais, tecnologias avançadas para que o docente possa passar um ensino mais eficiente e proveitoso para os alunos, seja ele, surdo ou ouvinte, pois o ensino é um só para ambas as partes.

Percebemos que as oportunidades para com o professor que deseja agregar em seu currículo o ensino de libras são poucas. As Universidades, por exemplo, não oferecem com frequência requisitos, cursos, aprofundamentos e especializações para que os docentes tenham a oportunidade de levar o ensino da libras para as escolas. São pouquíssimos episódios em que se aparece condições de aperfeiçoamento para com a Língua de Sinais.

Verificou-se a carga horária é outro ponto que carece de ser refletida com mais cautela, pois são poucas as escolas que tem em sua grade de ensino a libras e mesmo assim a carga horária difere das outras disciplinas tidas como normais, porque essa diferença? Será que o ensino de libras é algo que não precisa ser repassado para os alunos? E como fica o aluno surdo sem esse aprendizado? Muitas indagações me fiz em relação a isso e averigui que quem mais se prejudica diante disso é a população surda, que realmente deseja esse ensino e não tem com a real seriedade que necessita, pois, esse ensino sendo eficaz oportuniza

a socialização, viver bem em meio a sociedade, que é onde ainda existe preconceitos fúteis envolvendo a comunidade surda e sua língua.

Porém, mesmo com tantas dificuldades, o Ensino da Libras vem crescendo aos poucos, e um dos avanços constatados durante a pesquisa é que a Língua Brasileira de Sinais, tornou-se obrigatória nos cursos de Licenciaturas, e está sendo desmistificada mesmo que lentamente no âmbito escolar. Com isso esperamos em um futuro próximo ver presente em sua Lei e regulamentado pelo seu Decreto a obrigatoriedade também nas escolas, sendo uma disciplina indispensável tendo de fato os mesmos requisitos que compõem os outros componentes curriculares tradicionais nas escolas.

Essa pesquisa mostra-se de fundamental importância para academia pois servirá de auxílio para estudos futuros com relação a inserção e situação da Libras. Sugerimos uma nova pesquisa partindo desta, é necessário verificarmos o aprendizado dos alunos que têm contato com essa língua tão rica e valiosa nas aulas.

Percebemos assim que os estudos surdos e o ensino de Libras, tem passado por diversos percalços, até chegar na atualidade. Houve avanços, mas ainda é necessário atenção e prioridade para essa minoria linguística, para essa realidade do ensino que se encontra presente nas escolas.

REFERÊNCIAS

- AEE, Atendimento Educacional Especializado. **Atendimento Educacional Especializado – AEE**. Segundo o texto da Política de Educação Especial, na Perspectiva Inclusiva SEESP/MEC; 01/2008. Disponível em: http://www.pmpf.rs.gov.br/servicos/geral/files/portal/AEE_Apresentacao_Completa_01_03_2008.pdf Acessado em: 12 de setembro de 2017.
- BASSO, Idavania Maria de Souza; STROBEL, Karin Lilian; MASUTTI, Mara. **Metodologia do Ensino de Libras L1**. Florianópolis: UFSC, 2009.
- BRASIL. **Lei Federal nº 9394/96**. LDB. Dispõe sobre Diretrizes e Bases da Educação. 1996.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.
- BRASIL. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- BRASIL. Lei Federal n. 10.436 de 24 de abril de 2002. **Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e da outras providencias**. Brasília, 2002. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm Acessado em: 01 de agosto de 2017.

BRASIL, **Decreto Lei nº 5.626 de 22 de Dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acessado em: - 2 de agosto de 2017.

DEUS, Maria de Lourdes Fonseca de. Surdez: linguagem, comunicação e aprendizagem do Aluno com surdez na sala de aula comum. Disponível em: <http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wpcontent/uploads/2013/05/Maria-de-Lourdes-Fonseca.pdf> Acessado em: 12 de agosto de 2017.

FELIPE, Tanya A. Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos. In: **Revista Espaço**. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, p. 33-47, JAN-DEZ. 2006.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender LIBRAS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Juliana Acácio Cordeiro de Lima. CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. **Ensino de Libras no Ensino Fundamental**. 2016. Disponível em: <http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/o-ensino-da-libras-no-ensino-fundamental> Acesso em 09 Ago. 2017.

MOURA, Celma. **Ensino Bilíngue**. Educação bilíngue no Brasil: Plurilinguíssimo, Interculturalidade e Educação no Brasil. 2014. Disponível: <https://educacaobilingue.com/2014/10/01/o-que-e-uma-escola-bilingue/> Acessado em: 23 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão, GO, 2011. Disponível em: https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf Acesso em 18 Ago. 2017

PINHEIRO, Lucineide Machado. **Língua de sinais brasileira: libras I**. São Paulo: Know How, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos**. Porto. Alegre. Artes Médicas. 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. PIZZIO, Aline Lemos. REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira Rezende. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf Acesso em: 02 Ago. 2017.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

TIMÓTEO, Janice Gonçalves. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do sítio caiçara.** João Pessoa, PB, 2008. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Janice.pdf Acessado em: 01 de novembro de 2017.

ANEXO

ANEXO A - ENTREVISTA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
LIBRAS
HILDELLY FABRÍCIO FONSECA

ENTREVISTA

ENTREVISTADO (a): Lyana Duarte Ribeiro

1. → Qual a sua formação profissional?
2. → Quanto tempo leciona na área de Língua de Sinais?
3. → O ensino de Libras é apenas para o aluno ouvinte?
4. → Na sua concepção, qual a importância do ensino de língua de sinais nas escolas?
5. → Como é a relação do aluno ouvinte com o ensino de Libras? Eles valorizam, aceitam?
6. → Como acontece o ensino de Libras? Qual a carga horária?
7. → O ensino de Libras contempla a todos os alunos da escola?
8. → Quais os principais problemas de aprendizagem do aluno surdo? São semelhantes aos dos ouvintes?
9. → Qual a relação que você identifica entre a libras e a política de inclusão?
10. → Em sua opinião quais os meios que possa contribuir para que o ensino de libras se torne mais frequente nas escolas?